ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE SUPLEMENTOS MINERAIS (ASBRAM)

ASBRAM
Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais



SHUTTERSTOCK

EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA NA PRODUÇÃO DE CARNE E LEITE

A ASSOCIAÇÃO Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais (ASBRAM) congrega as indústrias brasileiras produtoras de suplementos para a pecuária. A sua constituição deu-se em 1997, com o objetivo de buscar o fortalecimento por meio da união. Hoje, conta com sessenta e quatro associadas, estabelecidas em treze estados, que detêm a produção majoritária do segmento da suplementação.

Apesar da sua curta história, a agenda da ASBRAM é densa e cheia de iniciativas. Possui uma atuação marcada pela aguerrida defesa do estabelecimento e da preservação de um mercado livre e isonômico. Essa direção estratégia está plenamente comprometida com o desenvolvimento sustentável da pecuária nacional.

A entidade acompanha o processo célere de modernização nos fundamentos gerenciais e industriais das suas associadas. O ambiente de acirrada competição presente no setor decorre das exigências impostas pela cadeia da proteína animal. As respostas das empresas consistem em alinhar-se com as perspectivas e tendências de futuro no tocante às boas práticas de fabricação, rastreabilidade e sustentabilidade.

Com isso, agradecemos o apoio da rede de organizações empresariais e acadêmicas, públicas e privadas que integram a cadeia de suplementação mineral.

A DIRETORIA



Presidente
Lauriston Bertelli Fernandes



FEEDFOOD/ EPITÁCIO PESSOA

Diretor vice-presidente
Nelson de Souza Lopes



Diretora
Elizabeth Chagas



Diretor primeiro secretário
Flávio Geraldo Ferreira Castro



Diretor segundo secretário
Robson Guimarães



Diretor primeiro tesoureiro
Fernando Penteado Cardoso Filho



Diretor segundo tesoureiro
Leonardo Luiz Cerize Junior

ENTREVISTA COM LAURISTON BERTELLI FERNANDES

EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA NA PRODUÇÃO DE CARNE E LEITE

Agroanalysis: As características climáticas nacionais, com suas variações estacionais extremas, de umidade e estiagem, exigem uma vigilância muito especial por parte do criador?

Lauriston Bertelli Fernandes A criação de gado de corte nas pastagens tropicais mostra um traço marcante na curva de desempenho dos bovinos, com uma diferenciação clara entre as fases de ganhos e perdas de peso. No Brasil, esse ciclo abre-se em novembro e dezembro e se fecha entre abril e maio, com maior ingestão de pasto e maior ganho de peso por parte dos animais Depois, como o ambiente fica bem mais exigente para tocar com eficiência a criação mantida no pasto, medidas técnicas precisam ser providenciadas.

Agroanalysis: Essa é a realidade em que vem à tona a questão básica da necessidade de suplementação mineral do rebanho bovino nacional?

LBF Do ponto de vista técnico, a suplementação é a ferramenta para suprir aquele elemento deficiente da dieta básica. Nesse sentido, ela não substitui, mas, sim, completa o poder nutricional das pastagens. A entrada e a saída da estação de seca devem ser encaradas como um período de transição delicado e sensível. Por isso, cabe haver, previamente, a elaboração de um plano que leve em conta a capacidade de lotação do pasto, o tratamento sanitário, o manejo adequado, a localização, a medida dos cochos e o plano de suplementação proteica ou energético-proteica e a categoria dos bovinos a serem tratados, dentre outros. Todos esses aspectos refletem sobre os índices zootécnicos do rebanho.

Agroanalysis: Existe, na verdade, um conjunto de fatores a serem considerados na produção da bovinocultura de corte e leite?

LBF Ratificamos como fundamental a suplementação mineral no sistema de produção a pasto, pelo seu papel no equilíbrio nutricional da dieta fornecida ao animal. No plantel, temos animais em estágios diferentes, como os recém-desmamados, os mais pesados em terminação e aqueles em crescimento. Cada um deles possui demandas diferentes. Com o avanço da estiagem, aumenta a quantidade de fibras e diminui a qualidade proteica das pastagens, enquanto os animais ingerem menos massa e podem perder de 1 a até 2 arrobas de peso. Na rebrota das pastagens, o uso de produtos específicos e aditivos faz parte da boa prática.

Agroanalysis: Podemos avaliar o ano passado como positivo para a indústria de suplementação mineral. Para 2015, prevalece esse mesmo cenário?

LBF Estamos num exercício complicado quando se olha a economia interna do País. O Produto Interno Bruto (PIB) segue pequeno, sem a expectativa de aumento no consumo interno. No caso particular da pecuária, a expectativa é de continuidade no quadro conjuntural do ano passado. Os preços dos bovinos seguem firmes, e a aposta está na conquista e na abertura de novos mercados para exportação. Esse ambiente estimula o criador a investir em tecnologia para melhorar a qualidade e a produtividade do seu rebanho.

CENÁRIO DE PREÇOS FIRMES NA PECUÁRIA

Como insumo importante para a criação, a demanda de produtos para a suplementação do gado varia em função direta com o seu preço de mercado. A subida de preço e a melhor possibilidade de margem de lucro estimulam o fazendeiro a investir em tecnologia. Os expressivos resultados apurados na comercialização de suplementos minerais em 2010 e 2011 refletem justamente uma conjuntura de valorização do mercado bovino brasileiro. Neste período, a arroba do boi gordo ultrapassou a casa dos R$ 100,00.

Em 2012, com pequeno incremento no PIB, de apenas 1%, faltou fôlego para a demanda por carne bovina acompanhar o aumento da oferta – por volta de 4%, segundo dados de abate do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

Por sua vez, na época, Jorge Matsuda, então presidente da ASBRAM, explicava que "a forte seca na região Nordeste aqueceu os preços dos grãos e prejudicou a engorda dos bovinos, cujos preços não

CAMINHO DA CONSCIENTIZAÇÃO

Estimativas da ASBRAM apontam que 25% da boiada brasileira são suplementados apenas numa parte do ano – em geral durante a seca, quando a velocidade de crescimento dos capins é reduzida. Deixar de utilizar o sal mineral na criação bovina pode resultar em doze vezes mais casos de abortos no rebanho e perdas de 20% no peso médio ao desmame e de 40% ou mais no ganho diário de peso.
Como o solo das regiões do Cerrado brasileiro é muito pobre em minerais, a suplementação é indispensável. Esta condição difere daquela ocorrente na região Sul do Brasil, bem como daquela dos nossos vizinhos no Uruguai e na Argentina, onde os solos ricos em minerais oferecem pastagem melhor. "Enquanto os minérios são importados, aqueles de origem nacional sofrem com a ineficiência logística do País. Estados como Mato Grosso e Goiás, por exemplo, pagam preços superiores a 15% por conta da logística", segundo Elizabeth Chagas, diretora da ASBRAM.

BRASIL: MERCADO DE SUPLEMENTOS MINERAIS
(MIL TONELADAS)

ANO	Quantidade	Ano	Quantidade
2001	1.250	2008	1.900
2002	1.500	2009	1.770
2003	1.700	2010	2.150
2004	1.850	2011	2.350
2005	1.750	2012	1.900
2006	1.750	2013	1.950
2007	1.800	2014	2.480

Fonte: ASBRAM

reagiram, com desestímulo para a demanda por mineralização. Além disso, outro fator relevante foi o inverno chuvoso no Centro-Oeste, com redução da necessidade do gado por suplementação". Do lado externo, os embargos impostos pela Rússia à carne brasileira, junto com a crise econômica no mercado europeu, também colaboraram para o resultado negativo do setor.

Em 2013 e 2014, diante do abate de matrizes realizado nos anos anteriores, o mercado registrou um expressivo aumento no preço dos bezerros e na oferta ajustada de bois para abate. A correção desse desequilíbrio deverá ocorrer somente após 2016. Somente um quadro de abrupta recessão interna pode mudar o cenário a curto prazo. Os próprios frigoríficos demonstram preocupações com as suas margens de lucro face às dificuldades em repassar os preços aquecidos das matérias-primas aos distribuidores e varejistas.

SHUTTERSTOCK



PREVISÕES DA FAO

A demanda internacional por proteína animal segue firme e chega aos continentes asiático e africano. As previsões da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) são de que o consumo de proteína animal tende a se intensificar nos próximos dez anos. Isso significa pressão nos preços com índices superiores aos dos produtos agrícolas. O Brasil tem condições de suprir essa demanda, já que possui terras para pastagens, farelo de soja e milho com preços competitivos e água.

Segundo Gustavo Chianca, representante assistente da FAO no Brasil, "o índice de insegurança alimentar diminui no mundo, com milhões de pessoas saindo da pobreza e passando a consumir carne, leite e ovos e seus derivados". O relatório "Perspectivas Agrícolas 2014/2023", divulgado em Roma pela FAO, registra que 75% da produção agropecuária adicional a ser consumida no mundo sairão da Ásia e da América Latina. Como o maior exportador de carne bovina e de aves, o Brasil fica na mira dos compradores internacionais. Para o pecuarista brasileiro, é uma oportunidade excepcional.

CRUZADA CONTRA O PIS/COFINS

Os tributos federais, estaduais e municipais que incidem direta e indiretamente sobre a produção de alimentos no Brasil, como, por exemplo, ICMS, PIS, COFINS, IR etc., quando somados, penalizam pesadamente os custos de produção dos alimentos. A indústria nacional de suplementos minerais não escapa ilesa desse encargo excessivo, tendo que suportar impostos que incidem sobre os insumos pecuários, com destaque para o PIS e o COFINS, responsáveis por representarem, juntos, 9,25 % do preço final dos seus produtos.

A economia gerada ao produtor rural com a eliminação do PIS/COFINS dos suplementos alimentares representa mais de um mês por ano do custo total da mineralização dos rebanhos. Sua isenção representaria, portanto, aumento do poder de compra dos insumos por parte dos pecuaristas, com consequente aumento da produção de carne, leite e derivados. Isso geraria mais divisas ao País e maior arrecadação ao Governo.

A ASBRAM prossegue em sua bandeira antiga a favor da isenção do PIS/COFINS dos insumos pecuários, como um pleito legítimo das indústrias de suplementos minerais.

CAMPANHA ANTIPIRATARIA DE PRODUTOS VETERINÁRIOS

Pecuaristas brasileiros passam a contar com um importante instrumento de apoio para combater a pirataria de produtos veterinários. Está no ar um novo site para receber as denúncias de falsificação de medicamentos para bovinos no País, com o objetivo de conter esta prática ilegal, que prejudica a sanidade dos animais e a saúde do consumidor.

A ideia é alertar os integrantes da cadeia produtiva de proteína animal sobre os riscos e os malefícios do uso de medicamentos veterinários falsificados, contrabandeados, sem registro e produzidos a partir de formulações caseiras. Dessa forma, uma das propostas da campanha é a redução do comércio destes produtos, que chega a representar 15% do segmento de saúde animal, o que equivale a R$ 600 milhões/ano.

A ASBRAM apoia a iniciativa da Campanha Nacional Antipirataria de Produtos Veterinários, desenvolvida pelo Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (SINDAN), com o apoio de outras entidades do agronegócio.

SHUTTERSTOCK



CONTRIBUIÇÃO PARA OS DEBATES

Relatório da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) de 2006 registrava que 18% das emissões de gases do efeito estufa (GEEs) originavam-se da pecuária. Este documento provocou muita polêmica, e os debates prosseguem até os dias atuais, apesar dos desmentidos e dos recálculos desses números.

Naquele mesmo ano, por exemplo, o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas divulgou que as emissões de todas as fazendas, incluindo tratores, produção agroquímica, plantio direto etc., eram de 10% a 12% das emissões globais. Depois, o Programa Ambiental das Nações Unidas afirmou que o número era de 11%, com uma pequena participação dos bovinos.

No ano passado, foi publicado o livro "Defending Beef: The Case for Sustainable Meat Production" ("Defendendo a Carne Bovina: O Processo de Produção de Carne Sustentável", em uma tradução livre). Sua autora é Nicolette Hahn Niman, que trabalhou como advogada ambiental da Waterkeeper, de Robert F. Kennedy Jr., e, além de ser vegetariana desde 2007, junto com seu marido pecuarista fundou o Niman Ranch, para produzir boi a pasto.

Dean Kuipers, escritor e editor do jornal Los Angeles Times, fez uma análise crítica sobre o livro de Nicolette. Para ele, a perspectiva de mitigar o aquecimento ou melhorar a saúde global não persuadirá muitos vegetarianos ou veganos a começarem a comer carne bovina.

Como o livro traz muita informação, o leitor pode aprofundar-se nos detalhes dos estudos. Isso contribui para minimizar a crítica superficial e pouco científica para um assunto tão importante dos pontos de vista econômico, social e ambiental.

PRODUZIR CARNE BOVINA É BOM PARA O PLANETA*

De acordo com a sua Agência de Proteção Ambiental, a agricultura dos Estados Unidos é responsável por 8% das emissões de gases do efeito estufa. Já relatório da Union of Concerned Scientists (União dos Cientistas Preocupados) recomenda que um bom manejo do solo diminuiria em mais de 2% as emissões de GEEs. Para completar, pesquisas na Austrália mostram a capacidade de certos suplementos nutricionais para reduzir a quantidade de metano emitido pelos bovinos à metade.

Desde 1850, um décimo das emissões de carbono causadas por humanos veio do solo, aponta o ecologista Richard Houghton, do Woods Hole Research Center. As causas decorrem da retirada da vegetação protetora e da não reposição dos nutrientes e da matéria orgânica. Terras cobertas por plantas nunca aradas são ideais para recapturar e manter em forma estável o carbono por meio da fotossíntese.

A maioria dos bovinos de corte do mundo é criada a pasto. Suas bocas de poda estimulam o crescimento vegetativo, seus cascos revolvem o pasto e seus tratos digestivos impulsionam a germinação de sementes e a reciclagem de nutrientes.

Pesquisa da Soil Association, no Reino Unido, mostrou que, com a adoção das boas práticas de produção, o sequestro de carbono seria suficiente para compensar as emissões de metano de todo o rebanho de corte e metade do rebanho leiteiro no país.

O pasto protege o solo de erosão pelo vento e pela água, enquanto suas raízes formam um tapete para manter o solo e a água no lugar.

As taxas de erosão nos campos agrícolas convencionalmente arados, em média, são de uma a duas vezes maiores do que na vegetação nativa.

Alguns críticos ambientais de bovinos dizem que quase 20 mil litros de água são requeridos para cada quilo de carne bovina produzida. Esses dados são baseados em situações mais intensivas de água. Em contraposição, pesquisa da Universidade da Califórnia Davis (UCD) mostrou uma quantidade bem inferior, de 3,7 mil litros por quilo de carne, pouco acima de 1 quilo de arroz, apesar de ser mais nutritiva.

Existe a acusação de a carne bovina agravar a fome mundial. Isso é irônico, pois 1 bilhão das pessoas mais pobres do mundo dependem da pecuária. Os seus rebanhos vivem em terras inviáveis de uso para o cultivo agrícola: nos Estados Unidos, 85% da terra com pastagem não podem ser usados para agricultura, conforme o U.S. Beef Board.

Como atributo mais marcante, os bovinos podem viver com uma dieta simples de pasto forrageiro. Para proteger a terra, a água, o solo e o clima, não há nada melhor do que um pasto denso. Quando consideramos previsões de longo prazo para alimentação da raça humana, os bovinos certamente continuam sendo um elemento essencial. ■

*** Trechos do artigo de Nicolette Hahn Niman publicado no Wall Street Journal**